



## CASCALHOS INCLEMENTES: GARIMPO E VIOLÊNCIA NO CONTO ‘SUA ALMA, SUA PALMA’, DE BERNARDO ÉLIS<sup>1</sup>

INCLEMENT GRAVES: SMALL-MINERS AND VIOLENCE IN THE TALE ‘YOUR SOUL, YOUR PALM’ [SUA ALMA, SUA PALMA], BY BERNARDO ÉLIS

**Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves**

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

ricardo.goncalves@ueg.br

---

**Resumo:** A relação entre Geografia e Literatura amplia a leitura e interpretação dos territórios, paisagens, lugares e sujeitos. Alarga o léxico geográfico. Assim, acredita-se que uma das possibilidades desta interlocução está nos textos, romances e contos da literatura regionalista produzida em Goiás, com sua narrativa realista e cuidadosa da região. Sendo assim, nesta pesquisa apresentamos uma análise do conto *Sua alma, sua palma*, do escritor goiano Bernardo Élis. O objetivo é interpretar as representações sobre garimpo de diamantes e violência no conto. Defende-se que a leitura do texto de Bernardo Élis destaca-se como fonte de interpretação literogeográfica do Sertão goiano. A narrativa explora o folclore, paisagens, linguajares e práticas de violência no cotidiano do trabalho nos garimpos de diamantes.

**Palavras-chave:** Geografia. Literatura regional. Sertão. Garimpeiros.

---

**Abstract:** The relationship between Geography and Literature broadens the reading and interpretation of territories, landscapes, places and subjects. Extends the geographical lexicon. It is believed that one of the possibilities of this interlocution is in the texts, novels and short stories of regionalist literature, with its realistic and careful narrative of the region. Thus, in this research we present an analysis of the tale *Your soul, your palm* [Sua alma, sua palma], by the goiano writer Bernardo Élis. The objective is to interpret representations about diamond Small-Scale mining and violence in the tale. It is defended that the reading of the text of Bernardo Élis stands out as a source of literary-geographical interpretation of the Goian Sertão. The narrative explores folklore, landscapes, languages and practices of violence in the daily work of diamond small-miners.

**Keywords:** Geography. Regional literature. Sertão. Small-miners.

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste texto foi apresentada e publicada nos anais do Evento Café com Leitura, em 2018, na Universidade Federal de Goiás (UFG). Para publicação como artigo, procedeu-se de revisão e ampliação das interpretações literogeográficas do conto ‘*Sua alma, sua palma*’, de Bernardo Élis, no campo do diálogo entre geografia e leitura.

## Introdução

Ao depois, de soco, a região se povoou, gente de toda a parte ali aportou com enxadas, canivetes, picaretas, pás, fações, ralos, carrinhos-de-mão ou carro de boi, surgiram dezenas de ranchos, o Garimpo da Jaratataca ganhou fama, seu renome enchia o sertão por inteiro atraindo garimpeiro e aventureiro. Aos pássaros sucederam pequenos aviões transportando os capangueiros, as jaratatacas e calangos e preás, burros, bois, cargueiros, carros de bois, automóveis e caminhões; ao canto de passo-preto, guaxes e tem-gente-de-fora-aí, sucederam-se estampidos de revólver, sons de sanfona, viola, rádio e eletrola, socar de pilão e refrigir de frituras, tudo tocando dia e noite num burburinho que se ouvia desde muito afastado, enquanto as gemas apareciam, eram vendidas por uma tutaméia, os garimpeiros gozavam alguns momentos de glória, de fama e de fastígio, retornando a seguir a sua mesquinha e anônima miséria. (ÉLIS, 1978, p.66).

A formação econômica e social de Goiás é inseparável da atividade extrativa mineral. Foi a mineração aurífera controlada pela empresa colonial portuguesa, ainda no século XVIII, que fundou Goiás e integrou-subordinou seu território à divisão internacional do trabalho por meio da exploração e exportação de ouro. Nos interstícios desta história surgiram os garimpeiros e os ambientes explorados por sua lavra voraz, os garimpos. Apesar da crise vertida sobre a atividade mineradora nos aluviões dos córregos e rios do sertão, no final do século XVIII e início do século XIX, a prática furtiva da garimpagem e seus “pobres trabalhadores de riquezas” (SOUSA, 2011) não desapareceram do território goiano. Pelo contrário, são personagens que atravessaram os séculos, percorreram os “caminhos das pedras e do ouro” e contribuíram para a expansão das fronteiras de ocupação, povoamento e alternativa de sobrevivência no Estado, como sublinha Póvoa Neto (1998).

Por consequência, os garimpos e garimpeiros estão presentes em textos de livros historiográficos, contos e romances que versam sobre Goiás. Escritores como Bariani Ortencio (no livro *Sertão sem fim*), Edival Lourenço (com o romance *Naqueles morros, depois da chuva*) e Bernardo Élis (no conto *Sua alma, sua palma*), exemplificam estas constatações. Garimpos e garimpeiros comparecem nestas obras protagonizando narrativas e servindo de matéria prima simbólica e concreta para a leitura e interpretação do espaço, dos lugares, das paisagens e da sociedade goianas. Logo, as narrativas que representam esta atividade e seus personagens tecem múltiplas imagens de um ambiente atravessado por violência, prostituição, aventura, sonho e solidariedade. O garimpo comparece como espaço rude e violento assim como lugar de harmonia e ajuda mútua. Da mesma maneira, o

garimpeiro é ilustrado como sujeito destemido, desagregado da família, aventureiro, fanfarrão ou sonhador.

Sendo assim, nesta pesquisa apresentamos uma análise do conto *Sua alma, sua palma*, extraído do livro *André Louco*, de Bernardo Élis, que reúne outros contos de narrativa regionalista do autor, como *André louco*; *Uma certa porta*; *Ah, se chovesse!*; *A lavadeira chamava-se pedra*. O objetivo foi extrair da narrativa prosaica de Bernardo Élis, no conto escolhido, as representações sobre os garimpos e os garimpeiros de diamantes. Além da leitura do texto de Bernardo Élis como fonte de interpretação do espaço e da sociedade goianas, a metodologia conta com pesquisa bibliográfica referenciada na aproximação entre Geografia e Literatura. Acredita-se que o diálogo interdisciplinar entre estas duas formas de ler, interpretar e narrar o espaço, os sujeitos e a existência humana – a Geografia e a Literatura – amplia o campo de leitura e de escrita do geógrafo (CHAVEIRO, 2007, 2015).

A intersecção entre Geografia e Literatura (CHAVEIRO, 2007, 2015; AMORIM FILHO, 2006; SUZUKI, 2008; MARANDOLA JR. e GRATÃO, 2010) tem se apresentado aos geógrafos como uma fonte aberta, diversa e múltipla de análise. Essa confluência substantiva com a literatura permite à investigação geográfica direcionar os seus rumos calcados em diversas orientações. Uma dessas tendências é o enfoque geográfico ou a leitura geográfica da literatura regionalista, com sua narrativa cuidadosa, meticulosa e muitas vezes dramática da região.

Logo, a literatura regionalista, ao focar o mundo do lugar ou o mundo da região, como fez escritores como Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Mário Palmério, Bernardo Élis e outros, cria também possibilidades de universalizá-la e apresentá-la a outras escalas territoriais. Dessa maneira, acreditamos que Bernardo Élis foi um exímio narrador de região sem fechar-se nela mesma. Sua narrativa traduziu a sociedade de seu tempo com suas contradições e conflitos. Apreendeu um Goiás e um país em transformação, mas, com rugosidades que insistiam em manter-se atravessadas na cultura, exploração do trabalho, concentração de terra e tramas políticas urdidas por coronéis e seus jagunços. Sua literatura não olvidou os gritos e as dores dos esfarrapados da terra, analfabetos, deficientes, pilhados e feridos. Denunciou a desigualdade, a injustiça, o desmando e o uso impiedoso da força e da brutalidade da classe dominante contra a classe trabalhadora, camponeses, garimpeiros, agregados e sem terra.

No conto *Sua alma, sua palma*, Bernardo Élis redigiu imagens de um espaço indômito no interior do Cerrado goiano ocupado por gente simples e também sagaz, onde predomina a violência impetuosa entre os sujeitos miseráveis insuflados no garimpo. Neste sentido, as interpretações dialogam com as metáforas que comparecem no título: “cascalhos inclementes” referem-se aos pedregulhos que podem ou não ter diamantes como pedra preciosa que desperta conflito, avareza e iniquidade entre os homens. Contudo, “cascalhos inclementes” aludem-se às relações impetuosas, rudes e violentas nos espaços de garimpo. Ademais, são espaços de sonhos e esperanças de enriquecimento imediato - como numa loteria - que pairam sobre os garimpeiros e seu labor embrenhado em beiras de rios, serras, matas e vales. Para estes sujeitos, o *bamburro*<sup>2</sup>, é a medida compensatória por enfrentar o trabalho inflexível do garimpo, talvez resultado de uma vida inteira.

### Garimpos e garimpeiros: representações na literatura regional

[...] garimpo era a mineração furtiva, clandestina do diamante, e o garimpeiro, o que a exercia. [...] garimpeiro tornava-se muitas vezes aquele que, obrigado a expatriar-se ou a passar uma vida de misérias, porque com a proibição da mineração se lhe tirava o único meio de subsistência, ia exercer uma indústria, a mineração clandestina, que julgava um direito seu, injustamente usurpado; era aquele que, condenado a degredo para o solo ardente africano, vendo sua família na miséria, por lhe terem sido confiscados todos os bens, por qualquer arte ou casualidade escapava à punição e ia homiziar-se nos profundos recondidos de nossas brenhas, e onde poderia talvez oferecer algum auxílio à família, que fora obrigado a abandonar, e ver ainda a pátria, filhos, parentes ou amigos, de quem já despedira para sempre. (SANTOS, 1978, p. 108)

A descrição acima, do historiador, jurista e político mineiro Joaquim Felício dos Santos, e retirada do livro *Memórias do Distrito Diamantino*, estabelece a distinção e relação entre garimpo e garimpeiro que surgiram nas lavras diamantíferas de Minas Gerais no século XVIII. Em sua obra, Joaquim Felício dos Santos construiu uma imagem do garimpeiro como sujeito audaz, solidário, intrépido e ambicioso aventureiro na vida cheia de riscos e perigos.

<sup>2</sup> *Bamburro* ou *bamburrar* significa encontrar, no garimpo, diamante de peso e de qualidade significativas e ganhar muito dinheiro com o produto de sua venda. O *bamburro* geralmente é o sonho do garimpeiro, o objetivo que pode justificar muitos anos de trabalho e dificuldades até que se alcance algum resultado positivo capaz de mudar a vida com riqueza abundante.

As aventuras e fugas permanentes da ação furtiva de seus perseguidores, assim como a vida clandestina não faziam dele, o garimpeiro, um bandido. Perseguido e sempre em luta com a sociedade, Santos (1978, p. 110) disse que o “garimpeiro só vivia do trabalho do garimpo, trabalho proibido pela lei, e este era seu único crime, mas, eram sujeitos que respeitavam a vida, os direitos e a propriedade de seus concidadãos.”

Dessa maneira, a representação deixada por Joaquim Felício dos Santos anuncia-se como uma entre as diferentes imagens do garimpo e do garimpeiro que vagueiam as narrativas da tradição historiográfica ou literária regionalista brasileira. Perambulam também nas representações sociais, na tradição oral e linguageira cotidianas. Atraso, prostituição, brutalidade, contrabando, alcoolismo e devaneios são adjetivos que sempre pairaram sobre estes sujeitos sociais e os espaços de sua lavra comum, o garimpo. Mas, também foram urdidadas narrações que os colocam como heróis e desbravadores de fronteiras. Ainda, as aventuras no garimpo, os sonhos de enriquecimento, os amores dilacerados, o trabalho inexorável da extração mineral e as relações culturais entre os garimpeiros sobressaem em textos literários exarados de maneira meticulosa por escritores de diversas regiões brasileiras.

Martins (2007), ao pesquisar sobre as diferentes representações literárias dos garimpeiros e do universo do garimpo de ouro e diamantes, coloca em discussão a visão do garimpeiro como homem bom, herói civilizador, gente ínfima e turbulenta. Conforme as análises formuladas pelo autor,

A imagem do garimpeiro como um herói romântico, símbolo da alma simples e boa do povo brasileiro, devota ao trabalho, apegado á liberdade e dotado de rígido sentido de lealdade, justiça e solidariedade começou a ser forjada no século XIX. Na literatura regional, os dois grandes autores que fizeram do garimpeiro uma espécie de herói civilizador, foram Joaquim Felício dos Santos e Bernardo Guimarães. Críticos da monarquia e da ordem escravocrata, mergulhados nas águas do Romantismo e do Republicanismo, ambos os autores apresentaram o garimpeiro como a contribuição original de Minas Gerais para a formação da identidade nacional. (MARTINS, 2007, p. 1).

Um dos escritores regionalistas analisados por Martins (2007), o romancista e poeta Bernardo Guimarães, em seu romance *O Garimpeiro*, romanceia as aventuras e amores de Elias, garimpeiro honesto, trabalhador e que sonha em ficar rico para casar-se com Lúcia, para

quem o pai almeja um marido rico. Em sua narrativa, o garimpo também comparece associado ao jogo de azar e à sorte inesperada. O garimpo enfeitiça e cega o homem mais do que a mesa do jogo ou a meretriz astuta. Logo, a sorte e a esperança do garimpeiro são “[...] como a do jogador nas cartas do baralho, nos dados ou no tabuleiro verde do bilhar; isto é, sua felicidade dorme na urna do acaso, de onde as mais das vezes nunca sai” (GUIMARÃES, 1995, p. 53).

Jogo, sorte, azar e mandingas, atividade influída por almas penadas ou pelo diabo, fazem parte da vida e do cotidiano laborioso e entrecruzado pelo imaginário dos garimpeiros. Nos garimpos o real e o imaginado se misturam. Guanaes (2001, p. 83), que investigou os garimpeiros manuais de diamantes na Chapada Diamantina, na Bahia (chamados por ela de *garimpeiros de serra*) fala da relação do garimpo com o jogo e o diabo, espreitador artificioso destes homens e sua artesanaria.

Garimpo é jogo de sorte, os garimpeiros são unânimes em afirmar, tem que ter coragem e firmeza para enfrentar o serviço, porque garimpo é jogo controlado pelo diabo. Para os garimpeiros, a relação do garimpo com o diabo é baseada no aspecto impreciso e traiçoeiro do serviço de garimpagem, as regras estabelecidas e as técnicas utilizadas não são suficientes para garantir o sucesso do trabalho. Há sempre alguma artimanha e pequenos truques que podem levar ao encontro da pedra, mas, não há nada que possa de fato garantir o achado.

Estes universos simbólicos e tangíveis aflorados no garimpo foram incorporados na literatura regional, transformados em matéria prima de criação. Dessa maneira, a literatura regional com sua capacidade de transitar entre a realidade e o ficcional, realizar vasta exploração da matéria geográfica dos lugares e proceder da análise miúda das coisas humanas, alargou o campo das representações sobre o garimpo e os garimpeiros. Um dos autores que contribuiu para isso foi o jornalista e escritor baiano Herberto Sales. Na obra *Cascalho*, é ostentada uma narrativa heróica de garimpeiros nas lavras da Chapada Diamantina, tendo Andaraí como o cenário da trama.

Em seu livro, Herberto Sales demonstra profundo conhecimento das relações que permeavam as áreas de garimpo e o trabalho nas lavras diamantíferas da Bahia. Garimpeiros,

aventureiros, comerciantes, capangueiros<sup>3</sup>, coronéis, jagunços, assassinos, forasteiros, meretrizes, parteiras e benzedeiras constituem personagens com suas histórias, dramas, sonhos e temores. São transformados em protagonistas vívidos nas tramas literárias presente em *Cascalho* (SALES, 1989).

Ainda no âmbito das representações do garimpo e do garimpeiro na literatura regional, sublinham-se as contribuições do professor, político e romancista mineiro, Mário Palmério, com o livro *Vila dos Confins*. Este romance exprime outro exemplo de escrita em prosa imbuída de profunda extração das coisas do espaço para narrar o universo do garimpo. Sonho e fantasia de garimpeiros, evidenciação de lugares e fenômenos reais do sertão mineiro, descrição do cotidiano e da vida entre a fantasia de enriquecimento ligeiro e a entrega ao trabalho impolido da garimpagem.

A prosa de Mário Palmério palmilha o mundo rude do Sertão mineiro, as trapaças dos coronéis e políticos, o garimpo e o vício da garimpagem, onde “muito aventureiro desgarrado, muito criminoso fugido, muita pessoa de instrução, e até de família boa” (PALMÉRIO, 1984, p. 105), se vêem irremediavelmente perdidos pelo devaneio do garimpo. Chamado pelo narrador de malucos, maníacos e loucos, os garimpeiros são “dominados” pelo “Vício louco! Os dentes caem, o cabelo cresce, as costas encascam assadas ao sol” (PALMÉRIO, 1984, p. 105).

Mário Palmério, conhecedor esmerado dos garimpos no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, em Minas Gerais, base de suas narrativas em *Vila dos Confins*, entrelaçou representações da vida, do trabalho, do dia-a-dia entre o rancho e os serviços nas beiras de rios diamantinos. O fumo de rolo e a cachaça, alimentação baseada em charque cozido com feijão e café adoçado com rapadura, moradia improvisada em rancho de pau-a-pique e coberta com folhas de coqueiros, montes de cascalhos esparramados pelo terreno, as peneiras nas mãos ou dentro de sacos esfarrapados nas costas. A itinerância de um lugar ao outro metido na procura insana pela “pedra rara” nos ribeirões e córregos.

---

<sup>3</sup> O termo origina-se ainda no século XVIII nas minas diamantíferas de Minas Gerais. Santos (1978, p. 217), diz que “entre os contrabandistas havia uma classe chamada dos *capangueiros*, ou *pechelingueiros*: era a dos que faziam o comércio de capanga, isto é, os que, com pequenos capitais, compravam aos garimpeiros pedras isoladas ou pequenas partidas para vendê-las aos exportadores”. Neste sentido, o significado do termo ainda se mantém e traduz a ação do perspicaz e trapaceira deste comprador de diamantes, o *capangueiro*, no próprio ambiente do garimpo e na região de garimpagem para vendê-los aos compradores dos grandes centros.

Mário Palmério dedicou-se à descrição esmiuçada de cenários severos do Sertão mineiro e paisagens que envolvem os garimpos e os espaços banais dos costumes, hábitos e trabalho dos garimpeiros. Como um artesão de palavras, Palmério urdiu representações do garimpeiro como sujeito sonhador e despreocupado, aventureiro, maluco e até louco, mas, sempre direito e, se pega diamante grande ou pequeno, mostra para o companheiro ou solidariza com os parceiros do garimpo. Ficar rico, comprar fazenda com gado para criar, ter dinheiro no banco... A vida no garimpo é difícil, acreditam os garimpeiros, mas pode trazer tudo isso com a simples e artificiosa virada da peneira com cascalho miúdo lavrado nas catas.

Em suma, personagens de narrativas literárias e retratado de múltiplas maneiras, como homem valente e destemido, criminoso, desbravador de sertões e florestas, sonhador e esperançoso, os garimpeiros ganharam páginas de romances, contos e poemas. A literatura regional em Goiás aproveitou desta fortuna simbólica e concreta. Escritores como Bernardo Élis extraíram dos sertões do Planalto Central a matéria prima de suas narrativas e deixaram registros meticulosos sobre os garimpos e os garimpeiros. Neste sentido, buscamos em Élis a fonte de interpretação que nutriu as análises apresentadas no item seguinte. Em *Sua alma, sua palma*, a meticulosidade de sua escrita é lavra literária para decifrar o mundo do garimpo e dos garimpeiros que outrora povoaram o “Goiás profundo” (CHAVEIRO, 2005).

### Um garimpo indômito no Sertão goiano

Aos sábados, desde que o sol pegava a descambar e os faisqueiros vinham chegando, religiosamente principiava o tiroteio no pé do jatobá, no qual acontecia haver gente amarrado, de vez em quando. Era como um regozijo pelo entorno à vida e ao convívio humano que trariam aquele sábado e pedaço de domingo. Os tiros publicavam a alegria de topar conhecidos, receber cartas e avisos de parentes distantes, ouvir música de sanfona e vitrola, beber cachaça e comer coisa cozida com tempero; era o inefável gozo de ver, sentir, cheirar uma mulher-fêmea, uma daquelas prostitutas desdentadas, imundas, suarentas, sífilíticas e cheias de gonorréia que infestavam o garimpo cada sábado, surgindo dos pontos mais inexplicáveis, com suas baciinhas esfoladas e fedorentos panos de limpar. Só de sábado a partir das onze horas até o meio-dia de domingo permitia o Inspetor de Quarteirão que as prostitutas ficassem no garimpo. A partir daí enxotava-as com pauladas, pescoções, pontapés, pois num vê vossimicê que cum esses capeta aí solto garimpeiro nenhum num ia pegar no duro da garimpagem na segunda feira de manhã e desse jeito o lugar num ia progredir, como requer o

estatuto do porguesso. Porrete nelas, minha gente! Elas e suas bacias ou gamelas ou alguidar. (ÉLIS, 1978, p. 67).

Desde a pesquisa de mestrado (GONÇALVES, 2012) dedicamos esforços para se compreender a ligação entre a pesquisa territorial sobre o garimpo e as representações literárias que narram os episódios, os dramas e a vida dos sujeitos enovelados nesta atividade de extração artesanal de metais e pedras preciosas. Nas investigações desenvolvidas na dissertação foi importante que a leitura de escritores como Bernardo Guimarães, Mário Palmério e Herberto Sales enxergasse que a atividade garimpeira não é apenas uma prática econômica enredada no desejo de enriquecimento de milhares de sujeitos embrenhados em buracos escavados no chão intrépido dos sertões. Foi necessário ver que especialmente entre os garimpeiros e seu trabalho cotidiano havia perspectivas, sonhos, entrega de seu corpo ao labor severo da garimpagem, a separação da família para alimentar a fugaz promessa de enriquecer. Há formas de narrar e de compreender o mundo a partir do seu trabalho e do seu sonho. Por isso, o contato com obras literárias permitiu apreender expressões do espaço e dos sujeitos alinhavadas no devir da vida e suas manifestações concretas e simbólicas.

Com a pesquisa de doutoramento vestida para Goiás (GONÇALVES, 2016) foi possível extrair narrativas sobre os garimpos e os garimpeiros em contos, poemas e romances de literatos que representaram o espaço e a sociedade goiana. Neste itinerário de pesquisa descobrimos a fortuna literária de Bernardo Élis. A leitura de seus livros e de estudos que interpretaram sua obra, a participação em seminários em torno de sua vida e de seus textos, o conhecimento de seu estilo narrativo e especialmente o seu conteúdo literário fundado no romance de caráter regionalista fundamentaram informações e condições para entender a proeza do homem rural (meeiros, agregados, garimpeiros, peões de fazendas etc.), as emboscadas a que foram submetidos diante das estratégias maliciosas e violentas da oligarquia patronal.

A vida difícil, contudo digna dos trabalhadores rurais, as expressões culturais de sua fala, de seu canto e de seu lazer, a magnitude da vida de homens e mulheres a partir de seu trabalho ligado à terra comparecem na prosa de Élis. Em Bernardo Élis o luxo literário, o imageamento e o enredo casam com a crítica. As posições políticas deste escritor laureado

pela Academia Brasileira de Letras<sup>4</sup> são implacáveis e decididas, favoráveis ao trabalhador e críticas ao sistema de exploração capitalista. Elementos do mundo rural goiano aparecem nas narrativas como júbilo estético, mas, é igualmente uma ferramenta política. Além disso, o universo do Cerrado e as expressões culturais desse território foram apreendidos pelo eminente prosador goiano.

De acordo com Curado (2017, p. 3),

Bernardo Élis é o grande ícone da literatura feita em Goiás. Polígrafo, destacou-se com maestria na diferentes modalidades literárias que abraçou, tanto como romancista, contista, cronista, poeta e crítico literário. Sua estreia foi na modalidade conto e um de seus conhecidos livros de contos é *Varanico* de janeiro, publicado pela Livraria José Olympio e Editora, do Rio de Janeiro, no qual, em muitos de seus contos, o mundo e o universo do sertão, do Cerrado com sua gente, seus hábitos, modismos e culturas, estão inseridos.

Autor de várias obras de expressão nacional, Bernardo Élis tornou-se conhecido nacionalmente com *Ermos e Gerais*, publicado em 1944 e destacado como seu livro mais premiado. Pontua-se também o sucesso de *O Tronco*, publicado originalmente em 1956 e adaptada como filme lançado em 1999, dirigido pelo diretor e produtor de cinema João Batista de Andrade. Sobressaem-se também outros livros como *Veranico de Janeiro; Chegou o Governador; A terra e as carabinas* e *Apenas um Violão*.

Nos livros de Bernardo Élis, o espaço-tempo das narrativas é o Sertão goiano. Em diversos contos como *A enxada; A moagem; Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá; Sua alma, sua palma*, o autor produz representações sobre o Cerrado e seus lugares recônditos, a cultura e o trabalho dos camponeses, garimpeiros, meeiros e agregados. Apreende as narrativas populares mantidas pela oralidade sertaneja, esmiúça estórias ancestrais de assombrações, capetas e almas penadas que perambulam nas planuras e grotões de Goiás.

Para Santos (2017, p. 152), o conhecimento do escritor goiano

[...] sobre estórias populares, sobre a lua, plantas e animais, fincou no íntimo do escritor seu encantamento pela paisagem do sertão goiano, assim como o

<sup>4</sup> No seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1975, Bernardo Élis narrou sua terra, sua cidade, serras e rios de Goiás: “Ah, minha velha Goiás! Das mais elevadas terras do Planalto Central, da Serra dos Pireneus, nasce um rio que corta Goiás em direção ao sul. É o Corumbá, chamado resmungador e escachoante. A quatro léguas das nascentes forma um belo salto. Essa cachoeira foi descoberta pelos Bandeirantes tão logo chegaram a Goiás. E, danados como eram, rasgaram a serrania, desviaram o curso das águas, estancaram a catadupa. No profundo do poço cavado pelas águas deste mil e mil anos acharam tanto ouro, mas tanto ouro, que para catá-lo ergueu-se uma povoação que tomou o nome de arraial de Nossa Senhora da Penha de França de Corumbá. Desaparecido o ouro, o arraial nem cresceu, nem minguou – encruou, pequenino e solitário na imensidão da encosta a prumo” (ÉLIS, 1975 apud CURADO, 2017, p. 1).

seu despertar para o mundo de causos e estórias ancestrais do folclore, de assombrações, fadas, e fantasias remotas do mais profundo sertão, com preciosas expressões dialetais antigas.

À vista disto, percebe-se que a obra de Bernardo Élis é tributária de uma realidade cultural, social e política íntima da história e da geografia de Goiás. Este escritor adentrou a sociedade de seu tempo com cenas da vida cotidiana nas frestas íntimas de um Sertão goiano profundo e distante do litoral. Narra territórios indomados e habitados por gente de várias camadas sociais, entregues aos vaticínios da violência e do poder dos coronéis e do patriarcalismo no interior do país. Isso demonstra que “a literatura talvez seja a forma mais pura de apreensão da geograficidade”, portanto, “fazer dialogar a geograficidade do romancista e a geograficidade do geógrafo pode ser assim um exercício dos mais estimulantes para a reflexão em geografia” (MOREIRA, 2011, p. 158).

De acordo com Borges (2016), Bernardo Élis teve no Sertão goiano, lugar de uma sociabilidade rural e sertaneja, a fonte concreta de sua inspiração e cuja narrativa regionalista revela a realidade hostil do trabalho na unidade da fazenda dos latifundiários. Local onde a submissão do trabalhador aos desmandos dos coronéis vislumbrava a realidade do agregado, um ser humano do campo, sem dinheiro, sem terra e sujeito às injustiças e à exploração. Sujeito protagonista das intempéries da desigualdade, da rudeza e da aguda violência contra os pobres do Brasil agrário da metade do século XX.

Neste sentido, Bechara (1991, p. XI) diz que

O lado social de seu regionalismo assume, destarte, o sabor das coisas reais, porque os fatos que nos conta são, em geral, reproduções do que viu, ou do que lhe chegou ao conhecimento por informação fidedigna, retocando-os apenas para transformá-los em ação e produção literárias. Assistimos, assim, a certos acontecimentos que não estavam muito longe da verdade: somos transportados para regiões onde os homens poderosos tinham em suas mãos os destinos dos que deles dependiam financeiramente ou daqueles que, merecida ou imerecidamente, lhes caíam nas más graças.

Por conseguinte, a obra de Bernardo Élis é impregnada de imagens e sua plethora de significados, fonte literária para interpretar espaços-tempos dos confins de Goiás. Seus textos revelam a interação de fatores geográficos, históricos, sociológicos, culturais, econômicos e imagéticos. As situações discutidas em contos e romances representam as peculiaridades do

mundo rural goiano, assim como, revela elementos espaciais que estruturaram a formação deste território. Ilustra, assim, as tramas da vida e do trabalho se confluindo com o espaço-tempo dos personagens e as estruturas de uma sociedade impactada pelos efeitos de uma espécie de modernização incompleta. Pois, a urbanização e a mecanização do espaço rural são exemplos de transformações que não foram capazes de eximirem práticas sociais e políticas que se mantêm desde a época da colônia. A concentração de terra e poder, o trabalho semiescravo e a escravidão por dívida, a grilagem de terras, a confluência entre patriarcalismo e coronelismo e as hierarquias econômicas foram mantidas.

O mundo operoso do trabalho e da cultura, o mundo inescrupuloso da política, os latifúndios lastreados nas paisagens goianas e o sofrimento dos pobres são elementos abordados na prosa de viés realista regionalista de Bernardo Élis. Neste sentido, o olhar profundo sobre Goiás pela perspectiva de sua literatura cobra o entendimento do que aqui se busca: os locutores, os personagens, as narrativas, as vozes e testemunhos de uma realidade construtiva de um território e sua gente.

Por consequência, o conto *Sua alma, sua palma*, ambientado em um garimpo de diamantes de algum lugar do interior de Goiás, o Garimpo da Jaratataca, permite análises que refletem o trabalho dos garimpeiros, a descrição das paisagens, as trapaças, as moradias em ranchos, o provimento de alimentos e ferramentas, a prostituição e a atmosfera violenta de homens embrutecidos pela ganância, traição e luxúria diante da riqueza que os diamantes prometem. “Diamante é trem do cuisa-ruim... Adondo ta o diamante, aí tá o xujo espiano nós...” (ÉLIS, 1978, 79). Bernardo Élis traça representações do garimpo como um ambiente de violência extrema, ocupada por homens de toda ordem e região do país, atraídos pelo brilho das pedras preciosas. “Garimpo é terra do cão, garimpo é perigoso que nem capeta, que nem cobra enfezada” (ÉLIS, 1978, 88).

A aspereza do ambiente do Garimpo da Jaratataca é descrita conforme as características das paisagens do Cerrado e sua vegetação rasteira, árvores baixas, retorcidas e de folhagens ressequidas e espinhosas. Lugar encravado num vale pedregoso do Sertão, onde a formação rochosa permitia aos garimpeiros experientes orientar-se pelos indícios minerais da lavra diamantífera. Neste vale despontava também o protagonista majestoso desta vegetação rude, um jatobazeiro de tronco grosso, raízes fundas e copa larga.

Ei, jatobazeiro! Linheiro, mesmo ali no vau do Jaratataca, abrindo lá no céu a copona verdolenga pintalgada dos frutos castanho-escuro (estojos) que estalavam ao vento de maio. Naquele vale pedregoso e duro, de vegetação enfezada, rasteira, retorcida, em que as folhas se disfarçam em espinhos, talos, pontas, onde predominavam canelas d'emas cascudas, ananás, gravatás e outras bromeliáceas, ou muricizeiros, lobeiras, lixeiras – aquele jatobá e um pau d'óleo mais pra baixo eram como dois marcos, duas balizas que se destacavam de muito longe, muito distante, cá do alto da serra. Eram a bem dizer as duas fontes de sombra no vale quente e faiscante de mica e lascas e cristais de rocha. (ÉLIS, 1978, p. 65).

No vale do Garimpo da Jaratataca, coberto pela vegetação agressiva do Cerrado, conforme descrito por Élis (1978), assim que foram achados os primeiros diamantes a notícia afortunada correu meio mundo, disseminada como pólvora incendiada no interior dos sertões. O garimpo atraiu gente apressada e ansiosa por cavar uma cata em solo cascalhento. Entre ranchos e vegetação gramínea, os montes de cascalho elevavam-se no vale e prometiam *bamburros* vindouros. E por lá se juntou fugitivos, capangueiros, prostitutas, garimpeiros intrépidos, capangas de coronéis e até um pregador protestante, Erculino, cuja missão, acreditava, era iniciar sua pregação pelo Garimpo da Jaratataca, “reino da ambição do dinheiro, dos prazeres. [...] a nova Babilônia do pecado: é a inveja, a ganância, a luxúria, a traição” (ÉLIS, 1967, p. 77).

Na paisagem indomável do vau da Jaratataca, o jatobazeiro, espécie arbórea de frutos cascudos e madeira valiosa, destacava-se altiva e cobria de sombra a crueldade do Inspetor de Quarteirão, senhor de tudo e de todos no garimpo. Homem da lei e seu estatuto intocável e fixado a ferro e fogo contra garimpeiros, antigos capangas de fazendeiros, faiscadores e prostitutas. Sujeito astuto e ambicioso que tinha como prática amarrar no tronco do jatobá qualquer um que corrompesse seu regulamento resoluto. E uma vez amarrado na árvore, todo passante já sabia do que era convenção naquele lugar, e atiravam até descarregar as balas do revólver, o estanho da cartucheira e a maldade feroz que gritava dentro dos homens no Garimpo da Jaratataca.

Na narrativa apresentada no conto, Bernardo Élis denuncia a violência decretada com selvageria contra os párias desse ambiente, desclassificados dos diamantes, como os garimpeiros analfabetos, um deficiente mental e as meretrizes. Semanalmente as prostitutas cumpriam o ritual permitido pelo Inspetor do Quarteirão, passear no garimpo a partir das onze horas de sábado até meio-dia de domingo para saciar o “inefável gozo de ver, sentir, cheirar

uma mulher-fêmea” dos garimpeiros. No vau da Jaratataca, a mulher que descumprisse o mandamento do Inspetor restava amarrada no troco do pau, caso ocorrido com uma delas que andava às escondidas no mato de beira córrego com garimpeiros em dia de trabalho.

Por duas vezes o Inspetor de Quarteirão teve infringido o estatuto. Uma segunda-feira notou ele garimpeiros ainda pelas vendas, bebendo cerveja e comprando roscas que levavam para o mato de beira corgo: logo soube – uma rapariguinha tava lá amoitada, recebendo homens. Seu Inspetor pegou essa bichinha e deu uma sova que nunca mais permitiu a ela voltar ao povoado. Passados uns pares de meses, novamente a mesma coisa: gente entrando e saindo do mato beira-corgo no meiodiã de segunda-feria, com efeito! Dessa vez o Inspetor se viu na obrigação moral de usar um pouquinho mais de energia. Manteve a mulherzinha presa num dos ranchos, e no sábado, aí pelas doze horas, vesprando a entrada dos garimpeiros, amarrou ela lá no jatobazeiro do vau, e com pouco pegou a ouvir ao pipoco. Ninguém ficou não ficou sabendo ao certo. Alguns garimpeiros ouviram das putinhas com quem eles foram trepar que quem estava amarrado no jatobá, naquele dia, era a tal mulherzinha, mas ninguém tomou conhecimento disso, que tanto fazia para eles que ali estivesse um homem, uma mulher, uma criança, um bicho ou não estivesse ninguém: chegando no vau, o que eles tinham que fazer era disparar as armas no jatobá e isso eles faziam infalivelmente, houvesse o que houvesse. Queriam era atirar contra o pau e adeus inhana. (ÉLIS, 1978, p. 68).

Na atmosfera aguda do Garimpo da Jaratataca reinava a maldade do Inspetor do Quarteirão. Na medida em que os diamantes ficavam cada vez mais rarefeitos, os melhores terrenos para lavrar catas eram erodidos e os garimpeiros desapareciam nos sertões à procura de novos veios, o Inspetor aquietava-se, pois, sua oportunidade de enriquecimento depois de tantos anos também era arruinada. No interior desta trama é que comparece outro personagem, Brisdo, um garimpeiro cuja sorte o galanteou com gemas de muito valor guardadas no *picuá*<sup>5</sup>. Por descuido, Brisdo perdeu seu *picuá* e à sua procura, reviraram moitas, margens de córregos e interior de ranchos. As gemas desapareceram do domínio do garimpeiro e foram parar no império do arguto Inspetor do Quarteirão por furto segredado de todos no lugar.

<sup>5</sup> Espécie de *porta-diamantes* feita artesanalmente. O *picuá* é uma peça oca onde os garimpeiros guardam os diamantes, feito de pedaço de bambu, semente de jequitibá, chifre ou cano, com o fundo e a tampa de madeira.

Ágil e de palavra inquestionável, o Inspetor do Quarteirão colocou em ação o artifício de sua iniquidade e logo fez de alguém do lugar o seu bode expiatório. Logo, por desígnio infame do intocado Inspetor, o culpado pelo roubo dos diamantes foi o sujeito mais simples do Garimpo da Jaratataca, diminuto desde o nome apelidado, Saquinho, e esfarrapado pela miséria e por deficiência mental. A maneira como o narrador do conto de Bernardo Élis descreve Saquinho expõe a posição crítica sobre os maus-tratos, malvadezas e rigores que golpeavam os pobres e os lanhados do Sertão goiano.

Saquinho era meio imbecil, muito conhecido de todos. Antigamente chegara a trabalhar nas catas, mas agora não tinha serviço para ele, que vivia sem que ninguém pudesse atinar como. Diziam que se alimentava de moscas, tanajuras, filhotes de cumim, brotos de algumas plantas silvestres que só ele conhecia, que a avó ou o avô era bugre obrigado a trabalhar amarrado no laço mode não fugir. (ÉLIS, 1978, p. 79-80).

Culpado pelo roubo dos diamantes do garimpeiro Brisdo, Saquinho foi condenado por lei irrevogável do Inspetor do Quarteirão a ser amarrado no tronco cascudo do jatobazeiro, entregue à fúria impávida de Paratudo, que se “Nossinhora adjutorando, ele inda é de matar alguém no jatobazeiro [...] ninguém mais tira a sua vezada. De sexta para sábado, pousa ali na beira do corgo [...] ali assistindo até a entrada do sol, no sábado, sempre na esperança de que alguém seja amarrado no jatobazeiro” (ÉLIS, 1978, p. 69). A trapaça, o roubo e a maldade do Inspetor do Quarteirão ao transformar Saquinho, um deficiente mental que perambulava qual bicho no Garimpo da Jaratataca, como escolhido e culpado por sua infame atitude, traduzem a representação, no conto de Bernardo Élis, do ambiente perigoso, matreiro e cruel encerrado no garimpo.

Nas vastidões das paisagens do Cerrado goiano, muitos garimpos de ouro e diamantes deixaram marcas, qual cicatrizes, nos solos e nos aluviões de rios e córregos. Onde brotavam cascalhos que prometiam riqueza fácil eram abertas estradas poeirentas pelas quais se movimentavam milhares de garimpeiros, construía-se ranchos, surgiram vilas e formaram-se até cidades. Localizadas no Oeste Goiano, cidades como Israelândia, Iporá, Amarinópolis, Ivolândia, Baliza e Aragarças elevaram-se das lavras diamantíferas. Neste sentido, personagens indomáveis destes espaços, os garimpeiros ou “pobres trabalhadores de riquezas” (SOUSA, 2011), descendentes de gente excluída, antigos cativos, agregados e meeiros de

fazendas e analfabetos humilhados, aflitos e ofendidos por donos de terras, políticos e capangueiros que vagueavam os sertões de Goiás.

Por conseguinte, o conto *Sua alma, sua palma*, da maneira como foi concebido por Bernardo Élis e narrado por seu narrador, vasculha os espaços do garimpo e dos homens e mulheres que o movimentam, tece verossimilhanças com a realidade, porém, munido da ficção literária. O texto de Élis é lavra profusa das coisas do sertão, donde a crueza e a fatalidade da vida e do trabalho transitam palmilhadas na sociedade, nos espaços e nas paisagens difusas e largas de Goiás.

### Considerações Finais

As contribuições da mediação entre Geografia e Literatura vasculham as possibilidades de leitura do espaço, do sujeito e da existência. Elas se difundem sobre a interpretação do vasto mundo objetivo e simbólico cuja leitura não se reduz ao campo economicista e produtivista da ciência moderna. Este encontro substantivo entre a leitura geográfica do espaço e a literatura permite esmiuçar as expressões subjetivas da vida humana, as paixões, sonhos, dramas, desejos e ideologias. No entanto, tal empreendimento teórico e analítico não olvida as determinações da realidade social, do contexto histórico, econômico e espacial de cada sociedade da qual os sujeitos humanos são parte.

A literatura e seus gêneros narrativos objetivados nos romances, contos, poemas, crônicas ou novelas é capaz de produzir mundos, urdir enredos, criar personagens e desenhar paisagens. Os geógrafos empenhados na interpretação do espaço e do sujeito, ao aproximarem-se destes textos, poderá descobrir realidades entorpecidas e imiscuídas no íntimo da existência humana. O empreendimento ficcional e o legado sistemático da linguagem literária ajudam ainda a entranhar-se nas coisas do mundo palmilhando a materialidade e imaterialidade de determinada região ou lugar. Daí a importância da tradição regionalista da literatura e suas contribuições para a empresa acadêmica do pesquisador em geografia.

Em Goiás, a literatura regional é guardiã de prodigiosos escritores como Hugo de Carvalho Ramos, Cora Coralina, Carmo Bernardes, Bernardo Élis e Bariani Ortencio. Estes autores esmiuçaram o Sertão goiano e escreveram livros que adentraram tempos e espaços da formação social deste território. O mundo rural e seus trabalhadores, o sistema de poder do

coronelismo e do patriarcalismo, os conflitos agrários e a estrutura fundiária predominada pelos latifúndios comparecem nos textos destes regionalistas como testemunhos sociais e históricos da realidade geográfica goiana. Por isso, ao considerar as contribuições da literatura regional, o geógrafo poderá ampliar os instrumentais de seu trabalho analítico.

Neste sentido, considera-se a obra de Bernardo Élis como uma das principais fontes de leitura literogeográfica do espaço em Goiás. Seus romances e contos são tributários de um universo de experiências vivenciadas por camponeses, trabalhadores pobres sem terra, garimpeiros e demais sujeitos da sociedade rural sertaneja. Há em sua obra uma vultuosidade de elementos que servem de matéria prima investigativa para o entendimento profundo da realidade social que povoa os *territórios do Cerrado* do Planalto Central brasileiro.

Bernardo Élis aproveitou, em sua obra literária, do dilatado campo simbólico, econômico, social e político amalgamado na formação espacial goiana. Assim, o garimpo de ouro e diamante é parte constitutiva desse processo, permeia a expansão de fronteiras e a ocupação de territórios em Goiás. Esta atividade econômica furtiva – o garimpo - reúne também um continente de saberes, fazeres, imaginários, sonhos e histórias que irrigou representações literárias regionais. Destarte, a análise do conto *Sua alma, sua palma*, exemplifica a presença dos garimpos e dos garimpeiros na literatura regional e contribui para sublinhar a profusa possibilidade de diálogo entre Geografia e Literatura.

## Referências

AMORIM FILHO, O. Bueno. **A pluralidade da geografia e o papel das abordagens fenomenologias no fazer geográfico**. Curitiba (PR), UFPR, 2006.

BERNARDES, C. **Jurubatuba**. São Paulo: Livraria Cultura Goiana Editora, 1979.

BECHARA, E. Bernardo Élis: apresentação. In: ÉLIS, B. **Seleção**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.

BORGES, J. C. P. **Fazenda-roça goiana: matriz espacial do sertanejo e do território goiano**. 213f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, 2016.

BORGES, J. C. P.; GONÇALVES, R. J. de. F. Representações lítero-geográficas do Sertão Goiano no conto O Patuá, de Bariani Ortencio. **Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 1, p. 95-110, jan.- dez. 2017.

CHAVEIRO, E. F. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. **Geograficidade**, Rio de Janeiro/RJ, v.5, n.1, 2015.

\_\_\_\_\_. A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 2, p.174-186, 2007.

\_\_\_\_\_. Traços, linhas e matrizes para a compreensão de um Goiás profundo. In: CHAVEIRO, E. F. (org.). **A captura do território goiano e a sua múltipla dimensão socioespacial**. Goiânia: Gráfica e Editora Modelo, 2005.

CURADO, B. A. A. J. F. **Bernardo Elis das aguadas de todos os sertões desse Goiás**. 2017. Disponível em: <<https://www.dm.com.br/opiniao/2017/05/bernardo-elis-das-aguadas-de-todos-os-sertoes-desse-goias.html>>. Acesso em: 18 de Set./2017.

ÉLIS, B. **A terra e as carabinas**. Goiânia: R&F Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Chegou o governador**. 3.ed. Rio Janeiro: José Olympio, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ermos e gerais**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Veranico de janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1966.

\_\_\_\_\_. **O tronco**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.

\_\_\_\_\_. **André louco**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.

GONÇALVES, R. J. de A. F. **No horizonte, a exaustão**: disputas pelo subsolo e efeitos socioespaciais dos grandes projetos de mineração em Goiás. 504f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, 2016.

\_\_\_\_\_. **A vida pode mudar com a virada da peneira**: (re)organização do território e do trabalho no município de Coromandel-MG. 2012. 274 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFG, Catalão-GO, 2012.

GUANAES, S, A. **Nas trilhas dos garimpeiros de serra**: garimpo e turismo em áreas naturais na Chapada Diamantina/BA. 2001. 213 f. (Dissertação de mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

GUIMARÃES, B. **O garimpeiro**. São Paulo : Ática, 1995.

LOURENÇO, E. **Naqueles morros, depois da chuva**. São Paulo: Hedra, 2011.

MARANDOLA Jr. E.; GRATÃO, L, H, B. (Org.). **Geografia e literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ORTENCIO, B. **Sertão sem fim**. Goiânia: Editora da UFG, 2011.

MARTINS, M, L. **Mineração, identidade garimpeira e meio ambiente**: os conflitos em torno da extração de diamantes no Alto Jequitinhonha, 1989 – 1995. 2007. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/marcos%20Lobato%20martins.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2010.

PALMÉRIO, M. **Vila dos Confins**. 22.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1984.

PÓVOA NETO, H. **No caminho das pedras**: itinerários na formação da mobilidade garimpeira em Goiás. 1998. 363 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SALES, H. **Cascalho**. São Paulo: Circulo do Livro, 1989.

SANTOS, J. F. dos. **Memórias do Distrito Diamantino**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SANTOS, L. B. D. Bernardo Élis: perfil intelectual de um literário. In: BRITO. T. C. de.; FLORES Jr., W. J. **100 anos de Bernardo Élis**. Goiânia: Imprensa Universitária, 2017. P.151-164.

SOUSA, J. L. V. de. Pobres garimpeiros de riqueza: a geografia dos diamantes em Três Ranchos – Goiás. ENANPEGE, IX, **Anais...**, Goiânia: ANPEGE, 2011.

SUZUKI, J. C. Modernidade, cidade e indivíduo: uma leitura de A Rosa do Povo. **Percursos: Sociedade, Natureza e Cultura**, Curitiba, n. 7, p. 23-33, 2008.

**SOBRE O PESQUISADOR****Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves**

Pós-Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com desenvolvimento de pesquisa sobre a Territorialização da Rede Global Extrativa do Nióbio em Goiás, Brasil. Doutor e mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). É professor nos cursos de Graduação e Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Editor Chefe da Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais (UEG). Coordena o Laboratório de Estudos Ambientais e do Território (LEAT/UEG). Pesquisador dos Grupos de pesquisa e extensão Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS / UFJF) e Espaço, Sujeito e Existência. Foi da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) - Seção Goiânia (2014 - 2015). Atua especialmente no estudo e pesquisa dos seguintes temas: geografia e literatura, território e ambiente, garimpo, efeitos socioespaciais da mineração em grande escala e rede global extrativa do nióbio.

**Endereço para acessar este CV:** <http://lattes.cnpq.br/9537143258969339>

**Recebido em outubro de 2019.**  
**Aceito para publicação em dezembro de 2019.**  
**Publicado em março de 2020.**